

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS DE NATAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

PAULO HENRIQUE BEZERRA

PATATIVA DO ASSARÉ: O SAGRADO EM VERSOS

Natal/RN
2016

PAULO HENRIQUE BEZERRA

PATATIVA DO ASSARÉ: O SAGRADO EM VERSOS

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito parcial à conclusão do curso de Ciências da Religião.

Professora Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josineide Silveira de Oliveira

NATAL/RN
2016

PAULO HENRIQUE BEZERRA

PATATIVA DO ASSARÉ: O SAGRADO EM VERSOS

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
– UERN, como requisito parcial à conclusão do curso de Ciências da Religião.

APROVADA EM: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Josineide Silveira de Oliveira - UERN
Orientadora

Prof^a. Ms. Louize Gabriela Silva de Souza - IFRN
Avaliador externo

Prof^a. Ms. Maria Augusta de Souza - UERN
Avaliador externo

NATAL/RN
2016

À Maria das Graças Bezerra, minha mãe, flor de Deus, sapiência de pessoa, que muito me ensinou e ensina nesta vida. Em vez de gritar, ouça, quando faltar palavras, reflita. Expiração para tocar a vida em frente.

AGRADECIMENTOS

No púlpito da elevação, no ouvir da transcendência, bendito sejas meu Deus, diante das minhas fraquezas me encorajasse para concluir esse trabalho.

A meu espelho de vida, Camilo José Bezerra, meu irmão, pessoa de caráter ético admirável.

Ao meu pai, homem de poucos estudos, mas com discernimento de vida.

Aos meus familiares, os quais são para me refúgio e ombro de consolação.

Ao amigo de estudos, José Jurandir Pereira Junior, diante de sua ousadia de ser humano.

Aos colegas de curso, pessoas de múltiplos conhecimentos, mas únicos diante do afeto uns pelos outros.

Aos amigos (as) da vida, na pessoa de Ana Maria, diante de seus voos rasantes e ousados.

A professora orientadora Doutora Josineide, mulher metamorfose, pessoa em constantes transformações intelectuais.

A professora Doutora Araceli Benevides, diante dos conselhos e ensinamentos transmitidos no Subprojeto PIBID/UERN.

A todos os professores do curso, espelhos de docência, mestres com luzes próprias.

Assim, ao lado das considerações sobre a vida das palavras tal como ela aparece na evolução de uma língua através dos séculos, a imagem poética nos apresenta, no estilo da matemática, uma espécie de diferencial dessa evolução. Um grande verso pode ter grande influência na alma de uma língua. Ele desperta imagens apagadas. E ao mesmo tempo sanciona a imprevisibilidade da palavra. Tornar imprevisível a palavra não será uma aprendizagem de libertação? Que encanto a imaginação poética encontra em zombar das censuras! Antigamente, as Artes Poéticas codificavam as licenças. Mas a poesia contemporânea colocou a liberdade no próprio corpo da linguagem. A poesia surge então como um fenômeno de liberdade.

Gaston Bachelard

RESUMO

O presente trabalho pretende contribuir para uma análise da poesia e do sagrado na literatura poética do sertanejo Antônio Gonçalves da Silva, Patativa do Assaré. Vemos que o poeta ecoa como mensageiro de uma realidade com áurea marcada pela desigualdade social e pela pobreza. Retrata o sertão pela ótica paradoxal do desalento e da esperança. Os poemas do autor retratam uma ligação do homem sedento pelo sagrado diante de sua realidade precária, particularmente com o contexto em sua volta. A poesia é livro aberto e ferramenta importante para comunicação e leitura crítica da sociedade. Essa literatura há muito tempo é linguagem viva na sociedade, com caráter linguístico com múltiplos significados, contribuindo para uma análise da realidade contemporânea, sensibilizando e cooperando na formação da sociedade. Dos poemas de Patativa, referenciamos o contexto em torno do sagrado, discutimos, também, como a literatura patativana pode ser instrumento de educação viva. Como eixo de leitura para compreender os objetivos desse trabalho, recorreremos aos estudos das Ciências da Religião, e diante das escritas já revista sobre o cearense escolhido para exploração do tema. A metodologia para este ensaio contempla uma análise bibliográfica e teórica, privilegia estudos já desenvolvidos diante do tema em destaque.

Palavras Chave: Patativa do Assaré. Poesia. Sagrado.

ABSTRACT

This paper aims to contribute to an analysis of poetry and sacred in poetic literature countryman Antonio Gonçalves da Silva, Patativa the Assaré. We see that the poet echoes as a messenger of a reality with golden marked by social inequality and poverty. Portrays the hinterland by the paradoxical perspective of despair and hope. The author of the poems depict a connection of the thirsty man the sacred before their precarious reality, particularly with the context around them. Poetry is open book and important tool for communication and critical reading of society. This literature has long been living language in society with linguistic character with multiple meanings, contributing to an analysis of contemporary reality, raising awareness and contributing to the formation of society. The poems of Patativa, we mention the context around the sacred, we discussed also as patativana literature can be an instrument of education alive. How to read axis to understand the objectives of this work, we turn to studies of Religious Sciences, and before the magazine already written about cearense chosen for theme exploration. The methodology for this test includes a literature and theoretical analysis focuses on studies already developed on the theme highlighted.

Keywords: Patativa do Assaré. Poetry. Sacred.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A VOZ DO POETA: AS PALAVRAS QUE CONTEXTUALIZAM E ENSINAM.	13
2.1 POETA SOCIAL OU POETA DO SERTÃO? CONHECENDO A VIDA DE PATATIVA DO ASSARÉ.....	17
3 O SAGRADO: ASPECTOS E MANIFESTAÇÕES.....	28
3.1 O SAGRADO EM MEIO AOS POEMAS DE PATATIVA DO ASSARÉ.....	33
4 EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO: A FORMAÇÃO HUMANA NO TOCANTE A POÉTICA PATATIVANA.....	38
5 PARA NÃO CONCLUIR.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado foi desenvolvido no curso de Ciências da Religião, ofertado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O interesse pelo tema; Patativa do Assaré: o sagrado em versos, surgiu a partir de ações pedagógicas desenvolvidas no subprojeto PIBID, (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), o referido subprojeto tratou de trabalhar com o Letramento Literário no contexto do Ensino Religioso, assim sendo, os bolsistas desenvolveram atividades literárias em escolas públicas da grande Natal. Diante das ações em sala de aula, foram feitas intervenções pedagógicas com o público de alunos com perspectivas de identificação do sagrado nos poemas de Patativa. O trabalho foi significativo, porém, nesta escrita de conclusão de curso não se pretende salientar sobre essa experiência, as atividades desenvolvidas, e sim, nosso objetivo é discutir a relação entre poesia e o sagrado, diante da abordagem de cunho bibliográfico e teórico, dialogando sobre a relação do sagrado na literatura do poeta sertanejo. Veremos, pois, conceitos, identificações, expressões e manifestações de uma forte ligação entre o ser imanente e a transcendência. Ainda, concisamente, contextualizamos a ligação da poesia como meio para uma educação viva na contemporaneidade.

Como ponto de partida diante do leque de reflexões iniciais, convém interrogar se é possível introduzir uma análise que busque enfatizar sobre a poesia e o sagrado em uma era “líquida”, “desregulamentada”, individualizada, “obcecada pelo consumo”, termos esses usados pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2012). Frente a uma era onde muitos não têm a sensibilidade para com o campo da poética, da reflexão e da sensibilidade para com os textos de autores na área da literatura, em nosso caso os textos de Assaré. Mas partimos do princípio que “a poesia, sobretudo, em seu surpreendente processo atual, (não pode) corresponder senão a pensamentos atentos, apaixonados por algo desconhecido e essencialmente abertos ao devir” (BACHELARD, 1993, p.15).

O interesse pela escrita de Antônio Gonçalves da Silva, Patativa, foi motivado por sua linguagem poética que proporciona uma visão da ligação do homem com a natureza, a vida, a terra, a religiosidade e o sagrado. Patativa soube enxergar diante dos pequenos acontecimentos, na realidade das linhas de

suas vivências, os registros não só de sua identificação, de seus acontecimentos, de sua identidade pessoal, mas soube enxergar outros horizontes, outros registros, os quais o mesmo teve um respeito em escrevê-los, buscou, assim, por meio das palavras, transmitir realidades de realidades, expressões e gestos, vivências e marcas do povo sertanejo, da cultura, da religiosidade, do sertão.

Neste estudo, buscamos examinar algumas obras bibliográficas fundamentais para os argumentos sobre a perspectiva deste trabalho. Entre as obras, buscamos junto aos estudos de Brito (2010), o qual apresenta uma visão ampla em seu texto com título, “Patativa do Assaré: porta voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra”. A leitura em Brito nos proporcionou uma leitura fértil, abraçando seus conceitos e observações sobre a áurea sagrada presente na obra do poeta cearense. Também, recorreremos aos estudos de autores da área das Ciências da Religião, entre eles destacamos Mircea Eliade (1992), Otto (2007) e Oliveira (2013), autores que discutem a esfera do sagrado. Ainda, ao tratarmos da linguagem poética, citamos clássicos desse campo de estudo, tais como; Bachelard (1993), Coelho (2000). Salientamos, ainda, que selecionamos alguns poemas do poeta cearense para dialogar com o texto deste trabalho, entre as obras citamos; Assaré (2002, 2006, 2010, 2011).

Neste ensaio não se objetiva um diálogo puramente sobre a composição da poesia, suas rimas, a composição dos versos, as métricas, as estrofes, mas um olhar muito além disto, perceber que as poesias são enunciados dos quais educam, proporcionam aventuras e expressões além do que estar explícitas nas palavras. Nas poesias de Patativa não é diferente, podemos enxergar de muitas formas suas composições, sabendo dos ricos significados das mesmas.

Este trabalho encontra estruturado em três partes, ambas com conexões, brindando assim os tópicos, seguindo uma linha pensante em torno de conceitos a partir de escritas já vistas na literatura do sagrado, da poesia e do poeta aqui escolhido para análise. Trata de uma abordagem teórica, contribuições de autores referências nas áreas escolhidas para análise desse trabalho.

No primeiro momento, salientamos com base na perspectiva de que o poeta ao trabalhar com as palavras transmite uma educação viva, escreve com vários intuitos, seja de levar o leitor a perceber a realidade na qual estar inserida, seja no tocante a manifestar suas observações sobre temas diversos. Diante

dessa realidade, veremos que o sagrado não é exaurido dos poemas. Seja de forma a agradecer, elevar, pedir, o poeta lida com as palavras. Assim, veremos que a poesia é uma arte que durante muito tempo é utilizada entre os povos. Antes de concluir o primeiro tópico do trabalho, abordamos uma apresentação da pessoa de Antônio Gonçalves da Silva, uma biografia sobre sua vida.

Já no segundo momento, o qual corresponde ao terceiro tópico desse trabalho, trata-se de dois pontos, o primeiro uma breve apresentação do sagrado e suas manifestações, e por seguinte o sagrado em meio aos poemas de Patativa. Ou seja, primeiro abrimos uma discussão, depois refletimos sobre os conceitos já apresentados, mas em outra ótica, a luz da literatura patativana.

No último tópico do corpo textual deste trabalho, fala-se sobre a educação em movimento, um diálogo com perspectiva poética enquanto leitura da vida, da realidade e das mudanças que vem ocorrendo na sociedade. Assim, essa literatura pode ser instrumento diante de uma educação livre de conteúdos metodológicos, fortalecida pelo discurso da interpretação das coisas, do saber enxergar as cores e sabores presentes nas palavras. Para contribuir nesse diálogo, buscamos junto aos estudos em especial de Morin (2005, 2011) uma base teórica que fundamente a escrita no tópico, isto com ligação aos poemas de Assaré.

Veremos, no decorrer deste trabalho, um convite aberto diante do encantar com as palavras cablocas do sertanejo. Patativa lança seus versos a partir de palavras simples, as quais caracterizam o ser de homem simples, mas com conhecimentos extraídos de uma educação construída pelas aventuras da vida.

2 A VOZ DO POETA: AS PALAVRAS QUE CONTEXTUALIZAM E ENSINAM

A história mostra que o ser humano em sua dinâmica de linguagem sempre foi criativo no sentido das literaturas usadas para manifestar suas comunicações com os demais seres, com a natureza, com a transcendência. Desempenhou muitas atividades como os registros em figuras nas cavernas, nos papiros, nos couros de animais entre outras formas. Mas é a oralidade que permanece viva como ferramenta transmissora de ensinamento, como meio de educação, de denúncia, de entretenimento. Não foge deste contexto a linguagem poética. O homem durante muito tempo a utilizou como meio de comunicação romântica, expressão de admiração da natureza, uma forma de caracterizar sua realidade.

A esse respeito, cabe questionar qual a significação dessa literatura para com a vida das pessoas? Certamente, não se pode negar que o poeta lida com palavras, e as palavras expressam ensinamentos, podem trazer frustrações, pensamentos, inquietações, conforto.

Na Grécia Antiga os filósofos buscavam por meio da Paidéia, educação voltada para a libertação do homem, uma forma de tornar o indivíduo um ser pensante de sua realidade. Os poetas consolidam as situações de forma suave, com discernimento e buscando um olhar frente aos anseios e busca de respostas para com a natureza, o mito, os acontecimentos que desafiam os vários tipos de interpretações.

Abaurre (2000, p. 334), registra: “as primeiras manifestações literárias se deram sob a forma de poesia, termo usado por Aristóteles para designar a Literatura de modo geral”. Frente a isso, vemos o quanto essa arte, essa linguagem é presente no decorrer da história. Logo, o poeta é sinal de expressão muitas vezes metafórica, figurada, mas com visão da realidade. No dizer de Abaurre (2000), o filósofo na busca de dialogar já via nessa literatura um meio pelo qual facilitava e despertava no homem a sensibilidade para compreender a natureza humana a partir da racionalidade, não mais pelos mitos ou conceitos obsoletos que regiam os ensinamentos e histórias sobre o surgimento do homem.

Ainda, no vislumbre da autora, ao falar sobre o papel do poeta se expressa:

Este não mais participa em sua criação como pessoa particular, porém como inteligência que poetiza, como operador da língua, como artista que experimenta os atos de transformação de sua fantasia imperiosa ou de seu modo irreal de ver num assunto

qualquer, pobre de significado em si mesmo (ABAURRE, 2000, p. 468).

No entender da mesma, em uma forma de inteligência que poetiza, o homem foi durante muito tempo brincando com as palavras, as tornando expressão do pensamento para favorecer o leque de aprendizagem. Quando os acontecimentos surgem, seja eles de ordem social, histórica, cultural, diante das guerras mundiais, no passar dos tempos, muitos poetas foram mensageiros de uma educação viva, construída diante do mosaico da linguagem, enriquecida pela expressão iniciada na intimidade resguardada de homens e mulheres que souberam transmitir a experiência vivida, sentida e muitas vezes caracterizadas por olhares incomodados, críticos e interiorizados. Diante deste íterim, vale enfatizar: “o poeta teria assim uma função de mediador, tomado por algo que o compele e orienta” (MURRIE, 2004, p. 419).

Até aqui ficou claro que o poeta desfruta das palavras e tem a capacidade de ressignificar os contextos. Acompanhada de música, como era na Grécia antiga, ou diante do silêncio da subjetividade do ser humano, dar sentido as coisas, desperta a reflexão, mexe com o emocional, fragiliza as pessoas, transmite a função de rever os conceitos, lida com o sagrado e favorece o enxergar o mundo de forma diferente.

De acordo com Cegalla (2005), poeta é o fazedor de versos, “pessoa que devaneia ou é idealista, vive nas nuvens” (p. 676). Nesse pensar, o poeta lida com as palavras para compor versos entre estrofes no tocante a fragmentar em sua ousadia percepções da vida, do mundo com significados.

Feitas essas considerações iniciais, traçamos algumas reflexões sobre o poeta Antônio Gonçalves da Silva, cognome de Patativa do Assaré. Pode-se dizer que ele foi “um porta-voz e representante do homem simples, de seu povo, da beleza e do valor da cultura” (BRITO, 2010, p. 18). Escrever sobre esse porta-voz requer uma atividade pensante e ao mesmo tempo admirável de vida. Primeiro, devido a sua formação, não chegou a concluir o primeiro ciclo de estudo escolar. Mas foi construtor de várias histórias, dotadas de pureza e sensibilidade de contextualizar a vida dos povos sertanejos a partir da literatura poética. Para Murrie (2004, p. 28), “seus textos representam a fala cabloca, o linguajar da gente sertaneja com toda a beleza de sua variedade”.

É diante dessas e muitas outras observações que Patativa é para muitos fonte de estudo, tanto a sua literatura, bem como sua própria pessoa social. Seus ensinamentos foram registrados em trabalhos acadêmicos, mas como salienta o mesmo:

Sou um caboco rocêro,
Sem letra e sem instrução;
O meu verso tem o chêro
Da poêra do sertão”

(ASSARÉ, 2011, p. 19).

Nas palavras de Cobra (2006), Assaré foi “homem do sertão, agricultor pobre que passou meses de contato com o aprendizado escolar e que é considerado aqui sob o signo de poeta e artesão da linguagem” (p. 02). Para Cobra, os registros de Patativa são marcas de uma realidade da qual o poeta não só escreveu e contextualizou, mas foi seu chão, suas raízes das quais tinha prazer em defendê-las. Já no entendimento de Brito, (2010, p. 60):

Patativa do Assaré foi agricultor-poeta. Na mesma terra em que cultivou o grão de milho, de feijão, a raiz da mandioca, a semente de algodão, também semeou a palavra vital. Vital porque na secura do sertão fez verter “água poética” de vida e beleza por meio de sua voz.

No entendimento de Brito, a beleza das narrativas do poeta ultrapassa a pobreza de sua realidade. Atenua qualquer tristeza e alivia o sofrimento da condição de vulnerabilidade, pois anuncia uma vida enriquecida pelas palavras, lançadas em meio aos conflitos com as agruras da época. Ao citar “água poética”, refere-se a potencialidade, um gesto de inverter a caracterização da seca por fertilidade com esperanças, com palavras crentes em dias melhores para o sertão, na alimentação também da esperança de terra molhada, de plantações floridas e verdes pastos.

No poema cujo título refere-se ao “Retrato do Sertão”, Patativa clama seu canto nos versos que se contenta em despertar o sentido de que cada ser é sujeito de sua cultura, portador e defensor de seu lugar, assim sendo, o homem do campo, o homem da agricultura, volta suas mensagens para sua terra natal. Nesse contexto, observar-se o poema que segue:

Se o poeta marinheiro
Canta as belezas do mar,
Como poeta roceiro
Quero o meu sertão cantar
Com respeito e com carinho.
Meu abrigo, meu cantinho,
Onde viveram meus pais.
O mais puro amor dedico
Ao meu sertão caro e rico
De beleza naturais.

Meu sertão das vaquejadas,
Das festas de apartação,
Das alegres luaradas,
Das debulhas de feijão,
Das danças de S. Gonçalo,
Das corridas de cavalo
Das caçadas de tatu.

[...] Meu sertão, meu doce ninho,
De tanta beleza rude,
Eu conheço o teu carinho,
Teu amor, tua virtude.

(ASSARÉ, 2011, p. 233, 235).

Assim sendo, em sua filosofia notamos dois pontos importantes, primeiro a constatação da presença do “telurismo, ligação da linguagem com a terra, natureza” (Marinho, Pinheiro, 2012, p. 84), e a forte presença do lirismo, ou seja, a presença do autor diante de suas narrativas. Diante dessa ligação envolvendo a poesia lírica e ao mesmo tempo com aspectos do telurismo, a linguagem poética ganha uma ressignificação de contexto, abrindo horizonte para os olhares acerca de temas diversos e pertinentes na sociedade, não somente de sua época, mas que são corriqueiros até os dias de hoje.

Convém registrar que Patativa entra no mundo da literatura a partir do contato com os cordéis de muitos autores de sua região nordeste. A partir de então fica enamorado pela beleza dessa construção literária e ver-se tomado pelas palavras. Começa a construir seus versos diante de suas observações diárias, em meio às aventuras da vida, no trabalho da roça, no entendimento religioso cristão, na contemplação da natureza. Logo há uma perspectiva de “um eu-poético esteta contemplativo que admira a natureza e percebe o mundo através dos sentidos” (COBRA 2006, p. 08). Comungando do pensamento da

autora, é mister ressaltar que o poeta cearense é construtor de versos e estrofes que denuncia, pede solicitude para com o seu Deus e lamenta os acontecimentos que por ora assombra a sociedade. Essa marca pode ser vista quando Patativa (2006, p. 186), escreve no poema, “Eu Sou do Campo”:

Eu sou do campo, pois nasci ali
Assim Deus quis e assim Deus me fez,
Muito me orgulho de ser camponês,
Sou filho nato deste Cariri.

Sou glorioso, pois a maior glória,
É ver a lua e ver do sol o brilho,
Tenho na vida minha linda história,
Pois sou casado, tenho esposa filho.

No pequenino e lindo pirilampo
De noite vejo dos primores seus,
Se o vento ruge na relva do campo
No seu sussurro eu ouço a voz de Deus.

O grande sábio quando me observa
Diz venturoso com prazer sem fim:
Só Deus que é grande em seu poder conserva
Um Patativa tão feliz assim.

Particularmente, nesses versos, palavras que prisma relatar sua vida graças a um Deus, um ser supremo que lhe ajudou na sua caminhada, notamos a forte ligação do sagrado em seus versos, isso com ligação a natureza a sua volta.

2.1 POETA SOCIAL OU POETA DO SERTÃO? CONHECENDO A VIDA DE PATATIVA DO ASSARÉ

Em meio às transformações da sociedade, o homem busca compreender essas mudanças de muitas formas, seja pelas lentes da Filosofia, pela ótica das Ciências, estudos da Sociologia entre outros campos de conhecimento. Mas aqui traçamos um olhar a partir dos poemas de Assaré como marca de um tempo não muito diferente do contemporâneo. Na década de 70, época essa que o poeta estava conhecido pelo país; nas músicas, nos jornais, entre outros meios de comunicação, foi barrado pela censura, com a força da ditadura o mesmo teve que se limitar para não ir preso.

Visto por muitos enquanto poeta social, haja vista suas vastas escritas sobre temas diversos; pobreza, desigualdade, religião, entre outros, sempre faz

uma interessante análise principalmente de sua gente sertaneja, algo que para a autora Cobra (2006), trata de uma hermenêutica popular, compreendendo o olhar do poeta diante das manifestações que o cerca, ainda, para Cobra (2006, p. 10), “o poeta reinventa os modos de ser do povo sertanejo nordestino, propõem novos modos de viver e ordena através de sua linguagem poética todas as coisas e o mundo; na fluidez de seus versos doa sentidos à realidade”.

Nascido em 05 de março do ano de 1909, na tranquilidade da Serra de Santana, próximo à cidade de Assaré. Filho dos agricultores, Maria Pereira da Silva e Pedro Gonçalves da Silva. Teve escolaridade mínima de poucos meses, mas nas cartilhas de Felisberto (uso metodológico de leitura nas escolas durante um bom tempo sendo utilizados no Brasil), ficou encantado e buscou em outras leituras uso para suas horas livres, isso quando não estava na roça, nas atividades junto aos seus irmãos mais velhos, tendo em vista que Patativa perdeu seu pai quando tinha oito anos de idade.

Como registra em sua autobiografia presente em uma das suas obras:

Com idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim. Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los (ASSARÉ, 2011, p. 15).

A convite de um parente, Patativa realiza visita ao Estado do Pará, cidade de Belém, onde foi convidado a conhecer José Carvalho, o qual era tabelião de dos cartórios da cidade. O senhor Carvalho, encantado com a linguagem poética do cearense, chamou-o pela primeira vez de Patativa, isso em virtude de uma ave presente no sertão, a qual é admirada por seu belo canto. Tendo em vista que outros poetas também eram conhecido pelo nome de Antônio Gonçalves, ou até mesmo de Patativa, ficou conhecido como Assaré, cidade do interior do Estado do Ceará. Ave e local substituem o nome de Antônio Gonçalves da Silva.



Figura 1: Patativa e o sertão. Xilogravura de Arivaldo Viana.
 Fonte: google imagens (Acesso em: 27 de abril de 2016).

Em vida, recebeu títulos de doutor *Honoris Causa*, tendo em vista suas obras e contribuição para com a literatura popular brasileira. Em muitos dos seus poemas registra os acontecimentos e autobiografia de sua vida. A exemplo disto, pode ser citados o versos: A morte de Nanã, onde descreve a tristeza de perder sua filha ainda criança; Aos poetas Clássicos, poema no qual narra a história onde nasceu e seu contato com o mundo da leitura; Sou Cabra da Peste, narrativa do seu lugar e da gente cearense, povo sofrido, mas também valente diante dos sofrimentos da vida. Não se registra a quantidade de seus poemas, mas suas obras correspondem a mais de nove coleções. Edições desde o ano de 1956 ao ano de 2001. Outras obras correspondem à seleção de poemas por admiradores seus.

Foi homem religioso, devoto dos santos católicos, particularmente da virgem Maria. Pela qual tinha maior admiração. Em muitos dos seus versos narra as festividades dos momentos religiosos de sua época, bem como, realiza em meio a composição de sua poesia, súplicas para com as forças divinas. Nota-se isto quando escreve sobre a fogueira de São João, cultura presente em muitos interiores:

Meu São João, meu São Joãozinho!
 Quanto amô, quanto carinho,
 Quanto afiado e padrinho
 Nesta terra brasilêra
 Não tem gente arranjado,

No quilaro abençoado,
Tão belo e tão respeitado,
Da sua santa fogueira.

Meu querido e nobre santo,
Que a gente qué e ama tanto,
Sua fogueira é o encanto
Da gente do meu sertão.
Não pode sê calculada
A prova que vai queimanda
Nessas noite festejada
Da fogueira de São João.

(ASSARÉ, 2011, P. 201).

Fecha seus olhos e repousa para sempre em 08 de julho de 2002, aos 93 anos de idade. Mas sua filosofia não foi apagada, são vastos trabalhos acadêmicos com títulos sobre o poeta, com perspectivas de estudos diversos, isso pode ser visto a partir de pesquisa nas redes sociais, particularmente *sites* destinados à busca por trabalhos no campo acadêmico.

Feitas essas considerações sobre a vida do poeta, registramos a escrita do poema, “Emigrante Nordeste no Sul do País”, onde descreve, em uma linguagem metafórica, usando de substantivos de sua região para descrever uma das suas características.

Neste estilo popular,
Nos meus singelos versinhos
O leitor vai encontrar
Em vez de rosas, espinhos.
Na minha constante lida,
Conheço no mar da vida
As temerosas tormentas,
Eu sou poeta da roça,
tenho a mão calosa e grossa
Do cabo das ferramentas.

(ASSARÉ, 2011, p. 324).

A realidade do homem do sertão é sofrida, ao observar à escrita acima, expressão de espinhos em vez de rosas já antecipa uma vida em meio a sobrevivência perante a escassez de muitas coisas; a água, a precária situação do sistema de saúde, a escolarização, as causas sociais e políticas, entre outros fatores desperta nos sertanejos os anseios atordoantes e marcas de um povo que espera o inverno para alegrar e brindar novas perspectivas. Assim diz o poeta:

Quando há inverno abundante
 No meu nordeste querido,
 Fica o pobre em um instante
 Do sofrimento esquecido.
 Tudo é graça, paz e riso,
 Reina um verde paraíso
 Por vale, serra e sertão.

(ASSARÉ, 2010, p. 325).

Refletindo sobre a literatura de Assaré, não se pode ausentar a presença de seu lugar, o qual corresponde uma vasta abordagem em seus fragmentos poéticos, trata do sertão. O poeta dar múltiplos significados, da terra sofrida a espaço de vida sentida em meio ao silêncio que alegra a alma humana. Entre as observações de Medeiros (2009), nos poemas de Patativa “a identificação entre o eu lírico e o espaço é tão intensa que ele assume o papel de voz autorizada e privilegiada para tratar da terra em que nasceu e de seus habitantes” (p. 03). Interessante notar que para Brito (2010), Assaré recebe a caracterização de porta voz de um povo. Em meios as suas reflexões, e visto enquanto pessoa defensora de sua gente. Ainda falando sobre Patativa e o sertão, convém mencionar as palavras de Medeiros (2009, p. 09), quando defende:

Mais do que espaço geográfico e elemento de constituição da subjetividade, o sertão é matéria de linguagem poética, a ele corresponde um modo específico de expressão, um ritmo próprio que não pode ser recriado em outro contexto. É nesse aspecto que Patativa do Assaré impõe-se como criador literário, autor de uma obra que não se limita a fornecer o retrato pitoresco do sertão; mais do que isso, em seus poemas, o sertão alimenta a expressão e funda maneiras peculiares de percepção e comunicação, o que permite inseri-lo na linhagem dos escritores brasileiros que atentaram ao mesmo espaço real e imaginário.

O sertão tornou-se seu canto predileto, com a fragilidade do solo, das matas verdes, mas diante da riqueza que esse ecossistema representa, os cantos dos pássaros, a mudança de paisagem com as águas de março, vemos a partir das palavras que seguem um olhar do retrato do sertão em Assaré, (2011, p. 233-236):

Meu sertão das vaquejadas,
 Das festas de apartação,
 Das alegres luaradas,

Das debulhas de feijão,
 Das Danças de S. Gonçalo,
 Das corridas de cavalo
 Das caçadas de tatu, onde o caboclo desperta
 Conhecendo a hora certa pelo canto do nambu.

[...] Do sofre de minha gente.
 Com as rimas de meu canto
 Quero enxugar o meu pranto,
 Vivendo só na sodade
 Com esta gente querida,
 Modesta e destituída
 De orgulho, inveja e vaidade.

[...] O sertão é o livro aberto
 Onde lemos o poema
 Da mais rica ispiração.
 Vivo dentro do sertão
 E o sertão dentro de mim,
 Adoro as suas belezas
 Que valem mais que riquezas
 Dos reinados de Aladim.

O sertão é lugar de festas e saudações aos santos, é sinal de gente que acredita e espera por momentos vindouros da safra da lavoura. Trata de uma identificação do espaço do qual o poeta vê como livro aberto cujas escritas é inspiração para se viver com certezas de momentos, de mudanças e transformações da natureza que afeta diretamente a vida dos agricultores.

Num dos seus versos mais conhecido, “A Triste Partida”, Assaré retrata a situação dos sertanejos que para sobreviverem necessitam deixar sua terra natal e partem para outros lugares como forma de se afastar da fome, da falta de água, enfim, da situação presente no sertão. Nesse painel de sentimentos, todo esse contexto é notável diante das palavras que seguem:

Setembro passou, com outubro e novembro
 Já tamo em dezembro.
 Me Deus, que é de nós?
 Assim fala o pobre do seco Nordeste,
 Com medo da peste,
 Da fome feroz.

A treze do mês ele fez a experiência,
 Perdeu sua crença
 Nas pedras de sá.
 Mas nota experiência com gosto se agarra,
 Pensando na barra
 Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,
O só, bem vermeio,
Nasceu mundo além.
Na copa da mata, buzina a cigarra,
Ninguém vê a barra,
Pois a barra não tem.

Sem chuva na terra descamba janêro,
Depois, feverêro,
E o mermo verão.
Entoce o rocêro, pensando consigo.
Diz: isso é castigo!
Não chove mais não!

Apela pra maço, que é mês preferido
Do santo querido,
Senhô São José.
Mas nada de chuva! tá tudo sem jeito,
Lhe foge do peito
O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,
Chamando a famia
Começa a dizê:
Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,
Nós vamo a São Paulo
Vive ou morrê.

Nós vamos a São Palo, que a coisa ta feia;
Por terras aléia
Nós vamos vagá.
Se o nosso destino não fô tão mesquinho,
Pro mêrmo cantinho
Nós torna a vortá.

E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,
Inté mermo o galo
Vendêro também,
Pois logo aparece feliz fazendêro,
Por pôco dinheiro
Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a famia;
Chegou o triste dia,
Já vai viajá.
A seca terrive, que tudo devora,
Lhe bota pra fora
Da terra natá.

O carro já corre no topo da serra.
Oiando pra terra,
Seu berço, seu lá,
Aquele nortista, partindo de pena,

De longe inda acena:
Adeus, Ceará!

No dia seguinte, já tudo enfadado,
E o carro embalado,
Veloz a corrê,
Tão triste, coitado, falando saudoso,
Um fio choroso
Escrama, a dizê:

De pena e sodade, papai, sei que morro!
Meu pobre cachorro,
Quem dá de comê?
Já ôto pergunta – Mãezinha, meu gato?
Com fome, sem trato,
Mimi vai morre!

E a linda pequena, tremendo de medo:
- Mamãe, meus brinquedo!
Meu pé de fulô!
Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!
E a minha boneca
Também lá ficou.

E assim vão dexando, com choro e gemido,
Do berço querido
O céu lindo e azu.
Os pai, pesaroso, nos fio pensando,
E o carro rodando na estrada do Su.

Chegando em São Paulo - sem cobre, quebrado.
O pobre, acanhado,
Percura um patrão.
Só vê cara estranha, da mais feia gente,
Tudo é diferente
Do carro torrão.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,
E sempre no prano
De um dia inda vim.
Mas nunca ele pode, só veve devendo,
E assim vai sofrendo
Tormento sem fim.

Se arguma das banda do Norte
Tem ele por sorte
O gosto de uvi,
Lhe bate no peito sodade de moio,
E as águas dos oio
Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrido desprezo,
Ali veve preso,
Devendo ao patrão.

O tempo rolando, vai dia, vem dia,
E aquela famia
Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca mas boa,
Exporta à garoa,
À lama e ao paú,
Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
Vive como escravo
Nas terra do su.

(ASSARÉ, 2011, p. 89-90-91).



Figura 2: A Triste Partida. Xilogravura de Demontê Lourenço Gonzaga.
Fonte: Livro Patativa do Assaré (2002, p. 22).

Este fragmento poético ficou conhecido na voz e música de Luiz Gonzaga, a partir de então, os trabalhos de Patativa passa a ser conhecido pelos quatro cantos do país, mas é importante ressaltar que a leitura do poeta leva o leitor a compreender uma vida marcada por sentimentos tristes frente à realidade vivida. Mas surge a esperança de um povo que mesmo desacreditados, esperam por tempos bons para reconstruir suas identidades, seus sonhos. A crença em antigas experiências populares, como descreve a estrofe 2, as pedras de sal não obteve resultado, nada de chuva, os meses passam, a esperança no mês de março não teve chuva na terra. Então a saída da triste realidade, como apresentado na estrofe 7, é caminhar com intuito de que na região sudeste do país pode ter uma vida melhor. Felizmente, como narra o poeta nos versos 4,5,6 da última estrofe acima apresentado, a alternativa de deixar o sertão, a seca, a

sua vida nordestina, torna o nordestino preso, escravo de cultura e identidades diferentes da sua.

No tocante a entender a paisagem da qual caracteriza o sertão, não trata de muitas cores coloridas, a imagem da seca, da alma nordestina, da luta de um povo, tem cores pretas e brancas, e assim sendo, pode ser vista frente a duas realidades, a primeira ao que se refere a esperança, a qual é concretizada com as chuvas, com a paisagem verde, os campos crescendo e os sertanejos vendo suas lavouras, a esperança surge como um canto que a muito tempo estava adormecido.

Por outro lado, o desalento também é parte do mosaico sertanejo, haja vista as precárias situações vivenciadas. Mas a experiência de esperar pelo tempo certo diante do balançar das correntezas, leva o homem do sertão a enxergar em meio ao desalento a saída em busca de novas terras, trata da imigração. Processo esse feito com dores profundas, porém, o medo de não resistir a fome, aos processos de mudanças do tempo, é mais forte.

Diante dessa realidade, envolvendo essas duas palavras antagônicas e ao mesmo tempo complementares, a narrativa é de um livro com poesias marcadas com versos de lidas sofridas e nos conjuntos das estrofes pode-se destacar uma obra a ser concluída a partir de longas colchas com diversos tecidos, sejam elas de rostos sofridos, de solos rachados ou da fé de um povo esperançoso.

Em meio a essas características, Patativa buscou registrar essa literatura de vida do povo do sertão com as palavras matutas, mas com muitas marcas, é a partir dessa observação que Brito (2010, p. 189), destaca:

Semelhante a um profeta bíblico, ele clama por justiça em nome dos camponeses pobres, dos operários oprimidos, das crianças famintas, dos discriminados pela miséria, pela cor, pela origem, enfim, sua voz brota de uma realidade que pede atenção aos que são esquecidos e renegados ainda pela história oficial (BRITO, 2010, p 189).

Frente às observações ditas em Brito, o papel social de Patativa vai além do enunciado nas palavras, traça uma linha com horizonte para a crítica diante dos fatos. Não se pode enxergar uma realidade e dela tornar-se escravo. Diante dessa situação, é oportuno destacar as palavras de Cobra (2006) quando registra

que nos poemas de Patativa há uma áurea de elementos constitutivos do ser humano. Na ótica da autora, nos poemas do sertanejo:

A valorização da vida, restauração de valores humanitários, da religiosidade e de uma consciência crítica diante da realidade inóspita de nossa sociedade desigual; para além da importância artística e criativa desse poeta do sertão, a universalidade de sua poética se deve certamente ao conteúdo ético presente em seu discurso (COBRA, 2006, p. 12).

O posicionamento da autora reafirma as razões para titular Patativa enquanto poeta social, dessa forma, entende-se a relação de sua linguagem como bem afirma Cobra quando aponta para uma realidade vista diante da busca artística para caracterizá-la, dado que a literatura poética cumpre com esse papel. Parafraseando Bosi (2000), citado em Cobra (2006), “a linguagem poética é um dos aspectos da Literatura sobre o qual pesa, ainda mais, o caráter de complexidade e de múltiplas relações de interdependência com o contexto histórico” (BOSI, 2000, p. 12).

Diante das observações realizadas nessas linhas, pode-se compreender que a linguagem do poeta enraíza uma linha pensante, a qual favorece um olhar histórico, social e cultural de um povo, de uma sociedade, nesse caso, Patativa se apresenta enquanto sentinela do sertão, porta-voz de contextos.

3 O SAGRADO: ASPECTOS E MANIFESTAÇÕES

Este capítulo traça duas perspectivas, primeiro, uma abordagem com intuito de apresentar de forma concisa, uma análise do sagrado. Logo após, com as ideias já estabelecidas, partiremos o entender desse fenômeno nos horizontes da linguagem “patativana”, termo utilizado que se refere aos elementos presentes na literatura do sertanejo Assaré.

A comunicação entre o ser humano e o sagrado é uma marca que durante muito tempo é vivenciada pelo homem religioso, vista nas culturas diversas e, portanto, faz parte da sociedade. Assim sendo, é mister ressaltar como essa ligação envolvendo as experiências, crenças, manifestações, influencia a vida do ser humano e sua cultura no decorrer da história.

Na análise sobre o sagrado, conceituamos duas observações; “numinoso” e “hierofania”. O primeiro apresentado nos estudos de Rudolf Otto (2007), e o segundo por Eliade (1992), teremos uma análise frente aos dois termos, vendo, pois, um relacionamento e interpretação acerca da figuração do sagrado. Ambos conceitos, constituem duas análises peculiares e importantes de serem apresentadas neste início de caracterização.

Na compreensão de Rudolf Otto, o aspecto do numinoso “não pode ser explicitado em conceitos, somente poderá ser indicado pela reação especial de sentimento desencadeado na psique: sua natureza é do tipo que arrebatava e move uma psique humana com tal e tal sentimento” (OTTO, 2007, p. 44).

Frente a essa afirmativa, notaremos que o sentido do numinoso, pode ser vivido, mas não compreendido de forma racional. Essa interpretação irracional, abrange o sentido de criatura, presente na psique humana, vista enquanto força maior, “experimentado exclusivamente em sentimentos” (OTTO, 2007, p.45).

O fragmento de texto, a seguir, considera uma observação feita por Brito quando registra:

Conforme Rudolf Otto, em seu clássico *O sagrado*, o assunto diz respeito a uma categoria “totalmente *sui generis*, enquanto dado fundamental e primordial. O sagrado, na perspectiva do autor, se refere a algo “impronunciável”, “indizível”, diferente de qualquer realidade natural e que escapa aos processos de racionalização: a experiência do sagrado estaria muito além da elucidação conceitual (BRITO, 2010, p. 132).

Nas palavras de Brito, ao observar os estudos de Otto, descreve o ser divino enquanto uma força infinita da qual o homem caracteriza enquanto grandeza. Corresponde, também, a um caráter dos aspectos atribuídos aos sentimentos, vistos enquanto experiências e expressões simbólicas, um princípio atuante na totalidade das religiões.

Em “O Sagrado e o Profano”, livro do historiador das religiões Mircea Eliade (1992), fornece-nos uma interpretação peculiar para entender o cosmo sagrado no tocante a relação do ser humano e a força poderosa distinta do mesmo. Ao manter uma leitura envolvendo as características das coisas profanas e sagradas, o autor defende uma postura de ligação desses dois fatos, do qual o resultado é um mundo carregado de valores religiosos, mas constituídos também em raízes das quais correspondem ao fardo pesado das coisas profanas. Frente a esse fato, o ser religioso mantém um equilíbrio diante do discernimento do bem e do mal, separando, pois, o melhor para sua vida, buscando ser atento aos princípios divinos. Assim esclarece o autor:

O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo realidade eficiente - e não numa ilusão (ELIADE, 1992, p. 21).

A realidade da qual o autor aponta, refere-se a um equilíbrio, objetivando, exercer a função de manter a ordem na vida das pessoas religiosas. Para tanto, o homem mantém o contato por meio dos ciclos litúrgicos, ou diante dos rituais religiosos e outras expressões que legitima a (as) divindade (s). A “hierofania”, termo usado por Eliade que significa manifestação do sagrado, assume um papel positivo na vida das pessoas que difere das coisas profanas, esse é um dos motivos para tal legitimação.

Os dois termos, “hierofania e numinoso”, aqui apresentados, nos leva a perceber que o sagrado se manifesta de muitas formas, não equivale a um conceito único de determinada religião. Com esse entender, citamos por exemplo: as oferendas a Iemanjá, realizadas no mês de fevereiro, a procissão do círio de Nazaré em Belém do Pará, a caminhada dos muçulmanos a Meca, cidade santa para os adeptos da religião Islâmica, o ciclo do tempo litúrgico vivenciado na religião Judaica, são expressões de uma ligação envolvendo a crença das

peças para com o sagrado. Trata de uma promessa, uma forma de agradecer, um gesto de pedir as bênçãos, proteções as forças divinas. Frente a essas observações, Oliveira (2013, p. 26), destaca: “o sagrado é portador do mistério da transcendência, e o homem religioso diante dele enche-se de temor e sublimidade guiando-se no viver a partir da experiência da comunhão com o divino”.

O olhar do homem religioso, tornar-se envolvido pelos arquétipos floridos por simbologias, significados dos quais ele próprio constrói, ou é educado a acreditar e perceber que o mundo é composto por elementos dos quais são frutos das divindades ou de um Deus construtor de tudo. Essa interpretação caracteriza o sagrado como legítimo possuidor de forças, de solicitude e significado para manter a sociedade e a vida em equilíbrio. Nessa perspectiva, conforme Peter Beger (1985), o sagrado é “uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetivos da experiência” (p. 38).

A história mostra que as religiões são as principais instituições responsáveis pelas construções das narrativas envolvendo o sagrado diante da construção do mundo, das desordens, do mal que assola as civilizações, entre outras observações. Nas palavras de Ferretti (2008, p. 124): “as religiões continuam, no mundo de hoje, elaborando mitos e engendrando ritos cada vez mais diversificados e instigantes, que unem e dividem os seres humanos e constituem matéria imprescindível para a análise da vida social”. Essa análise é cabível diante deste contexto, haja vista que com o passar dos tempos, as religiões foram ressignificando suas doutrinas e ensinamentos, mas o sagrado permanece solto, e mesmo diante das transformações ocorrentes no universo, seja no campo da Ciência, Filosofia ou em outras áreas, a relação do ser, da imanência com o divino é algo vivo e corriqueiro no mundo atual.

No entender de Alves (2014), o discurso sobre esse fenômeno aqui tratado, se instaura ao poder do invisível, “é ao invisível que a linguagem religiosa se refere ao mencionar as profundezas da alma, as alturas dos céus, o desespero do inferno, os fluidos e influências que curam, o paraíso, as bem-aventuranças eternas e o próprio Deus” (p.27). Deparando-se o homem com as manifestações/transformações da natureza das quais não se compreendia, o sofrimento, as catástrofes, as perdas, o próprio surgimento do cosmo, a morte,

buscou repostas para tudo isso. Então, as respostas foram voltadas para o divino, uma dádiva para entender a própria vida. Portanto, o homem religioso, também encontra no sagrado explicações para manter a ordem diante de sua vida em meio ao desequilíbrio apresentado na sociedade.

Na atualidade, o mosaico religioso está contido em uma figura com marcas pluralistas e manifestações diversas, as religiões ocupam o papel da ressignificação do sagrado. Com suas propostas de cultos, de celebrações litúrgicas com linguagens contemporâneas, diante das manifestações para atender a públicos diversos, frente a curas libertadoras, o sagrado está sempre com nova roupagem, da qual a proposta muitas vezes é atingir o sofrimento, garantir a coragem diante dos medos, vencer as doenças ou até mesmo ser um guia no cotidiano das pessoas.

Ainda falando em questões contemporâneas, não se deve passar despercebido o fato de que atualmente é notável o desencantamento do sagrado e uma priorização do sujeito. Trata de uma posição individual, negação das relações envolvendo os aspectos da transcendência e uma valorização do pensamento individual. Isso não é uma questão vista apenas nos dias de hoje, em outras épocas esse fato já foi observado.

Mas as crenças e ritos a transcendência permanece viva, são milhões e milhões de adeptos das mais diversas religiões, as quais utilizam elementos como a fé e a crença no processo de interiorizar no ser humano uma chama acessa da presença de uma forma maior, explicadas em meio aos milagres e os ensinamentos de outras pessoas que foram profetas, missionários, pessoas possuidoras de um caráter “luminoso”.

No que tange a relação envolvendo o fenômeno religioso e a vida humana, apontamos a leitura que faz Silva (2007, p. 44), quando salienta:

O fenômeno religioso representa o despertar da sensibilidade e apreensão humana ante o mundo dinâmico e enigmático que testemunha e integra. Faz parte do processo cultural evolutivo da humanidade e a cada época e lugar teve características próprias.

Uma análise sobre tal situação, a partir da observação feita por Silva (2007), é notável que o homem está inserido nessa sociedade marcada por medos, medos esses antigos, as perguntas para questões ainda permanece, e

assim sendo, no sagrado encontrasse uma aura de desejos, de sensibilidade, dos horizontes a serem vencidos, de vida preenchida com elementos irracionais.

Já dito acima, a crença por ser uma marca da legitimação envolvendo o elo entre a imanência e transcendência, assume papel de controle e equilíbrio na vida do ser humano, trata da experiência da crença, no tocante as manifestações religiosas que suscita a devoção, o amor, a renovação do espírito, a alimentação da alma. É com esses sentimentos, com pressupostos de dimensões frente a reverencia ao sagrado, que pode-se perceber um círculo em torno do “encantamento do mundo” (CHAUÍ, 2010, p. 231). Um aspecto relevante sobre a crença é visto nos estudos de Silva (2007), quando registra:

[...] O ser humano, envolvido por um mundo do natural fantástico e movido pela inspiração e dúvidas que este lhe causa, fez a experiência de transcender-se e conceber o sobrenatural. Nesta perspectiva mística, a crença é definida como uma aceitação voluntária na existência de algo sobre-humano (SILVA, 2007, p. 44).

É em meio ao mistério, diante de forças invisíveis, na natureza, em muitos outros lugares e de muitas outras formas que o sagrado é percebido ou reverenciado. Não trata de uma comprovação racional, mas sim sobrenatural. As representações desse fenômeno é marca histórica, parte da cultura dos povos, surgiu e permanece como outrora. Em meios aos conflitos humanos, é usado como símbolo de paz, de controle da humanidade, de solicitude diante das causas sociais, no processo de exaurir as guerras, nas alianças de mandamentos e promessas de vinda de fogo do espírito santo, de outros céus ou até mesmo como ponte de ligação entre o bem e o mal.

E a fé, que papel ocupa? Em meio aos sinais referentes ao fenômeno religioso, a fé é a roupagem, ferramenta de proteção. É por meio dela que o crente expressa sua confiança e entrega suas propostas diariamente como símbolo de aliança, como apresenta o apóstolo na narrativa da bíblia cristã:

“a fé é um modo de já possuir aquilo que se espera, é um meio de conhecer realidades que não se veem. Foi por causa da fé que os antigos foram aprovados por Deus. Pela fé, sabemos que a palavra de Deus formou os mundos; foi assim que aquilo que vemos originou-se de coisas invisíveis” (Hb 1, 1-3).

O texto bíblico apresentado, representa uma notável postura ao que se refere à aliança entre os povos e seu Deus. Pela fé muitos profetas entregaram suas vidas ao sagrado, foram provados, como por exemplo, na narrativa bíblica onde Abraão foi ofertar o sacrifício a seu Deus. Sua fé tornou-se um sinal de obediência, a ponto de entregar seu único filho Isaque como prova de confiança e sacrifício.

Assim como ressalta Eliade (1992, p. 52), “o homem religioso assume uma humanidade que tem um modelo trans humano, transcendente”. Trata de uma nova identidade, como já dito, uma nova roupagem. Inserido no mundo sagrado, é preciso cumprir normas, saber discernir suas condutas e viver em meio aos mandamentos, condutas essas voltadas para manter a ordem entre o eu e o sagrado.

Feitas as considerações sobre o sagrado e suas manifestações, cumprimos o papel de enxergar os aspectos aqui apresentados em meio aos poemas de Patativa. Perceberemos uma ligação com passagens como a do texto do apóstolo, a do homem bíblico, bem como com alguns posicionamentos de autores nos diversos campos de estudos apresentados acima.

3.1 O SAGRADO EM MEIO AOS POEMAS DE PATATIVA

Na literatura poética de Assaré veremos uma ligação muito forte de um homem com fé marcada pela sedução ao sagrado. Bem como, pode-se perceber uma forte ligação da escrita do mesmo com a tradição cultural do catolicismo popular.

O sagrado lhe seduz em tudo. Diante dos fragmentos de poemas como: Fuga de Vênus, Eu Sou do Campo, Maria Têê, Meu Protesto, A Terra é Naturá, entre muitos outros textos pode-se perceber fragmentos de devoção, de suplica, orações feitas em meio aos versos e estrofes.

Assume um papel de historiador da cultura quando apresenta as festividades religiosas acontecidas no sertão, comunica em detalhes como cada evento acontecia quando as festas aos santos se realizavam. Dentro dessa apresentação explora elementos do sagrado pertencentes as devoções aos santos católicos, também anuncia o ciclo de tempos que diferem do profano,

comunicando as expressões de hinos, louvores e benditos, portanto, é porta voz da cultura religiosa. Caberia aqui, registrar o poema “Ingratidão”, como forma de melhor contextualizar os seus registros de homem católico, Assaré (2011, p. 190):

Meu Jesus Reis dos Judeu,
Sábio, Divino e profundo
Que padeceu e que morreu
Pra maiorá este mundo,
Que pregou na Palestina
A pura e santa doutrina
De Paz, amô e ingualdade
E deu na sua insistença
Um inzemplo de cremensa
Para toda humanidade.

Que do seu grande podê
Querendo uma prova dá,
Fez alejado corrê
Fez morto ressucitá.
Foi preso, foi amarrado
E pelo chão arrastado,
Meu divino e bom Jesus,
E deu ainda o perdão
Para a corja de ladrão
Que lhe cravaro na cruz.

O enredo da escrita acima pertence ao fato visto na bíblia cristã, ao qual corresponde a morte de Jesus Cristo. Diante disto, percebe-se que Patativa tem uma leitura inerente a sagrada escritura. Recorre aos enunciados bíblicos para ensinar sentimentos com intuito de transmitir os ensinamentos de Jesus para sensibilizar o leitor. Assume a tarefa de homem religioso católico, obediente a palavra sagrada e anunciador da mesma.

Assim, no entendimento de Brito (2010, p. 131), “a poética está permeada de uma linguagem característica do universo sagrado, precisamente de uma mentalidade advinda do cristianismo católico”. Algo bem visto em seu poema: “O Inferno, o Purgatório e o Paraíso”, (ASSARÉ, 2011, p. 43-44):

Pela estrada da vida nós seguimos,
Cada qual procurando melhorar,
Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos,
Desejamos, na mente, interpretar,
Pois nós todos na terra possuímos
O sagrado direito de pensar.
Neste mundo de Deus, olho e diviso,
O purgatório, o inferno e o paraíso.

Que tristeza, que mágoa, que desgosto

Sente a pobre mendiga pela rua!
 O retrato da dor no próprio rosto,
 Como é dura e cruel a sorte sua!
 Com o corpo mirrado e mal composto,
 A coitada chorosa continua
 A pedir, pelas praças da cidade:
 “Uma esmola, senhor, por piedade!”.

Esta é a condição do ser religioso, dar sentido as coisas com ligação ao fenômeno religioso, dar explicações dos acontecimentos e fatos com leitura sagrada. Eliade (1992, p. 13), enfatiza: “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absoluto diferente do profano”.

Nessa concepção, Brito (2010, p. 132), descreve:

Palavras como: divina providência, divino mestre, onipotente, nosso Senhor, autor profundo e outras do gênero são notáveis, de uma ponta a outra da obra, apresentado, portanto, uma visão do mundo que enfatiza o lugar de Deus e seu poder em relação às pessoas, à natureza e à história. Na perspectiva do próprio poeta, o ato de compor não seria outra coisa senão um “dom do Criador”.

As observações feitas por Brito, nos leva a entender a instância do sagrado como uma experiência íntima nas escritas de Patativa. É diante desse cenário, composto por muitas peças, que o poeta insere pensamento com o do homem bíblico. Quando lança o canto:

Bendito e lovado seja
 Nosso Deus, nosso Jesus,
 Que pra nos livrá das curpa
 Morreu pregado na cruz

(ASSARÉ, 2011, p. 337).

Em muitas passagens bíblicas, essa saudação é vista, seja o apóstolo Paulo em suas cartas, ou por parte dos profetas ou nas palavras de Moisés dirigida ao seu povo. Mensageiros que por meio da linguagem foram transmissores do divino com intuitos de expressar ensinamentos e devoção a uma crença religiosa.

Patativa acrescenta nos seus versos um sentido de encontrar no sagrado sustento, confiança e forças para trilhar as perspectivas diárias, nos elementos da vida social, no convívio em sociedade, o Deus do poeta é luz para caminhada e símbolo do imaginário no discurso da identidade das coisas. Nos estudos de

Cobra (2006), veremos que o eu-poético artista presente na literatura do sertanejo Patativa, reinterpreta e cria, diante da emoção da estética que produz sentido e faz de todo e qualquer objeto, um objeto sacralizado. Isso se revela nos versos que se seguem citados em Brito (2010, p. 133):

Deus é a força infinita
 É o espírito sagrado
 Que tá vivendo e parpita
 Em tudo que foi criado.
 Não há quem possa contar
 É assunto que não dá
 Pra se dizê no papé
 Não existe professô
 Nem sábio, nem iscritô
 Pra sabê Deus Cuma é.

Apenas se tem certeza
 Que ele é a santa verdade
 É a subprime grandeza
 Em bondade e divindade.

(ASSARÉ, 2005, p.83).

Não é difícil compreender os elementos do sagrado como discurso e assunto na vida de Patativa. E falando do sagrado diante dessa leitura, é cabível apresentar as palavras de Oliveira (2013), quando diz: “o sagrado é, pois, um hiato no cotidiano profano para que o homem possa reorganizar-se perante o caos da existência” (p.120). É isto que o poeta vivencia, um espaço geográfico sofrido, uma triste realidade de secas, os movimentos de saídas da terra natal, mas em meio a esse fatos, ele discorre um enunciado com perspectivas de ressignificar, de organização da sua realidade, quando retrata:

Meu divino redentor
 Que pregou na palestina
 Harmonia, paz e amor
 Na vossa santa doutrina:
 Pela vossa mãe querida,
 Que é sempre compadecida,
 Carinhosa, terna e boa,
 Olhai para os pequeninos,
 Para os pobres nordestinos
 Que vivem no mundo à toa

(ASSARÉ, 2011, p. 333).

É com essas expressões de um católico que recorre ao sagrado para pedir a solicitude pelo povo que sofrem, mas reconhece que muito já fez o ser divino,

como cita, reconhece que o seu Deus durante muito tempo teve misericórdia para com os mais necessitados, assim sendo, Patativa canta no intuito de súplica pelos nordestinos, os quais então inseridos em um mundo que o próprio caracteriza enquanto local de dificuldades com atributos diversos.

Desse modo, em suas narrativas poéticas são encontrados elementos universais das religiões como o início do universo como algo divino, a paz primordial, a dualidade do bem e do mau, a morte, o temor do inferno, a imagem de um ser supremo e entre outros assuntos.

4 EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO: A FORMAÇÃO HUMANA NO TOCANTE A POÉTICA PATATIVANA

O clima encantado nas palavras da literatura patativana, relaciona com o mundo da literatura, trata de um letramento, uma visão da realidade, das identificações sociais, de uma educação em movimento, não fechada, uma vez caracterizado os textos de Patativa enquanto porta aberta da qual surge novos conceitos, novos sentidos que nos leva a perceber com as palavras as inspirações e dedicação com a escrita.

Entendendo a educação enquanto um processo contínuo, não só entre os muros das escolas, a literatura poética, campo fértil de ensinamento, arca com funções no processo educativo, no olhar mais humano para com os fatos na sociedade. Caberia aqui, enxergar o ponto de vista de Edgar Morin, ao que se refere o pensamento da reforma humana e, ao mesmo tempo o reformar do pensamento, neste contexto, fatores são essenciais para a transformação de uma educação motivadora de novos conceitos. Na ótica do autor:

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível (MORIN, 2011, p. 44).

Com suporte nessa linha de pensamento, é importante perceber que o argumento do autor, contribui para nosso diálogo ao que tange a compreensão da literatura poética enquanto ferramenta no contexto educacional. Haja vista a contribuição e reflexão dessa linguagem para com a vida dos alunos em caminho para abordagem dos conteúdos por meio de uma prática educacional mais prazerosa e atraente.

E se os professores fossem poetas? Linda seria a missão de encantar os alunos pela sua arte de compreender o espaço por múltiplas óticas, com metodologias que sensibilizassem o alunado aos aspectos humanos da vida. Assim como Bachelard (1993, p. 204), “os poetas nos ajudarão a descobrir em nós uma alegria tão expansiva de contemplar que às vezes, diante de um objeto próximo, viveremos o engrandecimento de nosso espaço íntimo”. Feliz essa observação, como seria significativo escolas com educadores assim, poetas com

missão de ajudar os alunos no encantamento da vida, a reflexão do conhecimento de si próprio. É isto que defende Morin (2011, p. 65), “A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como tornar cidadão”.

Infelizmente, ainda é notável uma triste realidade no processo educacional por parte das escolas. Muitos são os desafios em direção a uma educação viva, para tanto, é preciso livrar-se de algumas realidades, tais como: escolas tracionais com ênfase apenas nos conteúdos metodológicos; espaços educacionais que buscam só a formação para o mercado de trabalho, instituições escolares sedimentadas por saberes, não valorizando o diálogo humano nas aulas. Esses e outros fatores ainda são espaços a serem preenchidos com novas propostas pedagógicas.

O autor Brandão (1981), acredita que a educação é fator de transformação da sociedade, abrange muitos conceitos e não se separa da vida corriqueira. Não se pensa em educação enquanto ilha solitária, mas como conjunto de práticas, sejam elas sociais ou cidadã. Para o autor:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para apreender, para ensinar, para saber, para fazer, para ser ou conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação [...]. Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece [...]; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é o único praticante (p. 7).

Isso significa, assim como descreve Brandão, relacionar a vida com a educação. Pensar que Patativa, como já salientado neste trabalho, pouco frequentou a escola, foi educado pela própria liberdade de leitura, sem conceitos exaustivos vistos nas escolas. Aprendeu literalmente com a vida.

E falando em educação viva, diante da qual contemple a formação das pessoas no tocante a humanização, a literatura poética contribui para uma análise precisa do próprio ser. Suas condutas obsoletas, das quais são necessárias serem repensadas, buscando a reflexão frente os pensamentos configurados por utopias, é importante apreender com as palavras dos poetas, as quais são como brinquedos, encantadoras, como flores, tem seu tempo certo de beleza, e também

como os caminhos da vida, vastos e cheios de paradigmas. É isso que afirma Góes quando salienta:

A poética é uma porta para as categorias do belo, do sensível, da linguagem em suas múltiplas dimensões. A poesia é música, ritmo, sensibilidade, beleza da língua. Ela estimula a imaginação e a criatividade. Criar, ler, sentir poesia é caminhar em veredas do imaginário, do belo, do sonho (GÓES, 2010, p. 245).

Seria a poesia um estado que suavemente toca a sensibilidade imaginária dos alunos provocando emoções e prazeres. Mas que lugar ocupa a poesia, diante de tantas abordagens sem conexão com o saber constituidor de aprendizado humano? Seja através do ouvir, ler, escrever, reescrever a poesia, os alunos vão além do real, vivem diante do painel de análises.

Ainda, tratando-se de uma educação englobando a leitura poética, no que tange uma proposta de educar (se) para formação humana, é oportuno registrar as palavras de Bordini, quando salienta:

O poema, porque condensa múltiplos sentidos num parágrafo mínimo, exige de seu leitor um olhar mais atento à página, uma ativa mobilização do conteúdo intelectual e afetivo preexistente a esse contato, um ajustamento contínuo de emoções e desejos, juízos e avaliações, à medida do que a leitura progride (BORDINI, 1986, p.31).

É interessante notar, no contexto das poesias de Patativa a postura que o mesmo assume na transmissão de versos em torno da sensibilidade para com o retrato humano. Expressa em especial um diálogo construtor de angústias e esperanças. Pode-se perceber esse diálogo na poesia, “Emigrante Nordestino do Sul do País”. Uma leitura do sofrimento do nordestino quando a seca abala sua terra, o poeta escreve palavras de lamento.

Do sol do meu Ceará.
Porém o maior tormento
Que abala este sentimento
Que a providência me deu,
É saber que há desgraçados
Por este mundo jogados
Sofrendo mais do que eu.

É saber que há muita gente
Na mais cruel privação
Vagando constantemente
Sem roupa, sem lar, sem pão.
É saber que há inocentes,
Infelizes indigentes,

Que por este mundo vão
Seguindo errado caminho,
Sem ter da mão o carinho,
Nem do pai a proteção.

Leitor, a verdade assino,
É sacrifício de morte
O do pobre nordestino
Desprotegido da sorte.
Como bardo popular,
No meu modo de falar,
Nesta referência séria,
Muito desgostoso fico
Por ver num país tão rico
Campear tanta miséria.

(ASSARÉ, 2011, p. 325).

A leitura na literatura de Patativa nos leva a pensar no elo envolvendo fundamentos para uma educação contemplada e associada à capacidade de descobrir e de construir respostas para a vida cotidiana. Essa característica levamos as palavras de Bachelard (1993, p.132), “a palavra de um poeta, tocando o ponto exato, abala as camadas profundas do nosso ser”.

E este signo, perpassa o ato de ler as poesias, mas não se pode negar que o ato de ler a poesia percorre um campo de compreensão, uma vez que “[...] o poema valoriza o sonho, a fantasia, a quimera (espaço onde se pode ser feliz) em detrimento da vida real (espaço com sagrado à frustração e à tristeza)” (COELHO, 2000, p. 230). Outro assim, também, nos estudos de Torres (2012, p. 67), notará que “a arte literária pode ser a ponte para que o homem compreenda o lado sensível e possa uní-lo ao lado racional permitindo uma visão mais integradora da condição humana”.

Um aspecto que vale mencionar diz respeito a busca do poeta sertanejo com as reflexões sobre temas diversos. Uma disciplina escolar, mas não com conteúdos voltados para a formação do trabalho, ou para a formação individual, mas conteúdos que falam da vida, dos desejos dos homens, de suas ambições e prazeres. A escola de Patativa foi à vida, vida contemplada por concepções de leituras vastas, escritas de dores e memórias relatadas nos versos e estrofes. Foi assim professor, usando sua prática docente para com a atenção do povo que gostava de suas lições de vida, traduzidas nos mais diversos poemas. É nesse cenário que o poeta se apresenta enquanto homem do mato, distante das

grandes cidades, dos bancos da faculdade, mas não homem sem educação, e sim, feliz por possuir a habilidade das leituras de mundos. Assim escreve o poeta:

“Sou um poeta do mato”

Vivo afastado dos meios
Minha rude lira canta
Casos bonitos e feios
Eu canto meus sentimentos
E os sentimentos alheios

Sou caboclo nordestino
Tenho mão calosa e grossa,
A minha vida tem sido
Da choupana para roça,
Sou amigo da família
Da mais humilde palhoça

Canto a noite de São João
Com toda sua alegria,
Sua latada de folha
Repleta da fantasia
E canto o pobre que chora
Pelo pão de cada dia.

Canto o crepúsculo da tarde
E o clarão da linda aurora,
Canto aquilo que me alegra
E aquilo que me apavora
E canto os injustiçados
Que vagam no mundo afora.

(Assaré, 2002, p.33, 34).

Patativa, então, ensina a beleza da vida, a contemplação da natureza, os episódios da vida, transmite, também, uma fala de rejeição as injustiças da vida, aos tristes acontecimentos de um mundo descartável, com falta de comunhão entre as pessoas. Diante deste contexto, parafraseando Souza (2015), as escolas bem que poderiam despertar nas crianças e adolescentes o leque da imaginação, ajudá-los diante da construção de sua identidade pessoas, contribuindo para o canto poético, sensibilizando os corações dos alunos e ajuda-los a uma atividade muito difícil, abrir os olhos para enxergar as dolorosas realidades que os cercam. Assim como escreveu Patativa no último e penúltimo verso da quarta estrofe acima apresentada, as injustiças que vagam mundo afora.

Souza (2015), alerta, a partir da observação junto aos estudos de autores no campo da educação, um fato muito importante para a educação escolar atual.

Trata-se, pois, de um ensinamento voltado para uma formação pluralista e aberta aos erros e ilusões da vida, frente aos novos e antigos paradigmas. Diante dessa proposta, a autora registra:

É importante que ensaiamos o que Mia Couto, Edgar Morin, Rousseau e tanto outros educadores nos ensinaram: colaborar para a elevação de uma educação que se preocupe com uma formação plena dos sujeitos e para a construção de cidadãos éticos cooperativos, poéticos, ousados. Oferecer aos alunos estratégias para que eles reconheçam que, apesar das dificuldades encontradas no decorrer do caminho, não vale a pena acovardar-se e desistir dos desafios que lhes são postos cotidianamente (SOUZA, 2015, p. 117).

O ato de ensinar configura-se como atividade árdua, na qual espera-se uma dinâmica que contribua para formação dos alunos. Acreditando que a educação é fator para a libertação da ignorância de cada ser. Um processo no qual o educador é visto enquanto sujeito ativo, participativo na formação do pensamento que liga o conhecimento a vida e ajuda a enfrentar as incertezas no caminhar dos horizontes.

A cultura da escola conteudista e tradicional, ainda fere bruta e limitando-se a tendências obsoletas, fechadas perante as significativas mudanças. É preciso algo urgente que discuta e contribua para mudanças dos saberes educacionais nas instituições escolares. Como se vê nas palavras a seguir, é preciso um elo entre o pensamento e o conhecimento:

É necessário que se estabeleça o diálogo entre os conhecimentos já produzidos com os diversos tipos de pensamento para que se assegure a pluralidade e a diversidade de pontos de vista. Precisamos, pois, de metapontos de vista que permitam e favoreçam o despertar solidário de e para uma política de civilização, justamente em tempos de competições e valorização do individualismo exacerbado (PETRAGLIA, 2013, p. 68).

Morin, do mesmo modo, alerta para uma valorização do pensamento em vista a assegurar o dinamismo entre o pensar e o conhecimento voltado as questões diversas, tais como: ensinar a condição humana, ensinar a compreensão, a identidade terrena, ética do gênero humano entre outras questões. “A exigida reforma do pensamento vai gerar um pensamento do contexto e do complexo. Vai gerar um pensamento que liga e enfrenta a incerteza” (MORIN, 2011, p. 92). É pensando nesse espírito de complexidade

frente à “fragilidade dos relacionamentos humanos na atualidade (PETRAGLIA, 2013, p 68), que frutos vindouros poderão ser colhidos, os quais foram plantados por uma nova geração de seres pensantes, capazes de perceber criticamente as mudanças atuais e buscarem cada vez mais uma educação viva, não mais distante do diálogo envolvendo o pensamento e o conhecimento.

O mundo, as pessoas, a escola está em constante transformação. O advento da tecnologia, os estudos na área das Ciências Humanas, os avanços na medicina, já atentam para uma sociedade em metamorfose, assim sendo, em meio aos aspectos corriqueiro da vida, “não podemos ficar cristalizados em ideias ultrapassadas ou pensamentos únicos. Temos que ultrapassar os entraves que nos encarceram em práticas ou teorias fechadas e reducionistas” (PETRAGLIA, 2013, p. 67).

A poesia, assim como a educação aposta em outros caminhos, ou melhor, dá sentido a reinvenção do mundo, as descobertas, estabelecendo um mosaico que fomenta processos de aprendizagem, isso por trabalhar com a reflexão, com tendências libertadoras de aprendizagens. O ato de aprender está associado à capacidade de descobrir e construir respostas para a vida cotidiana. É nesse entender que poeta escreve:

Poesia é um dom da natureza
Que nos enche de graça e de alegria
Mesmo o tema tratando de ironia,
De revolta, de choro e de tristeza.

(ASSARÉ, 2006, p.208)

Também, a educação, assim como defende Petraglia (2013, p. 72), “é a brecha que dispomos para a ampliação da visão de mundo, necessária para a construção de uma política planetária de justiça e felicidade, capaz de unir prosa e poesia no cotidiano da vida”. É necessário, portanto, assinalar compromissos para novos paradigmas, mesmo sabendo dos pontos de interrogações que virão a surgir.

Após a análise neste capítulo, caberia, aqui, ressaltar o contexto envolvendo poesia e educação, em particular a linguagem patativana, que rumos esses dois conceitos terão nas próximas décadas? Haja vista o caminhar desta sociedade descartável, entre outros termos aqui vistos, sendo espuma que embaraça a vista de muitos, trazendo descontentamento na vida de muitas

peessoas. Mas como bem destaca Morin (2005), é preciso lembrar quando se fala sobre a sociedade atual, “situamo-nos nesta aventura incerta e, a cada dia, os acontecimentos que se produzem no mundo indicam que nos encontramos na noite e nas neblinas” (p.41).

Nas aventuras da vida, diante das incertezas e neblinas, nem tudo é tristeza, é preciso vencer as utopias, trilhar outros campos e viver no estado poético, estado esse entendido por Morin (2005), enquanto produção da arte, da dança, dos cantos, nas cerimônias da vida. As palavras de Assaré, no poema com título, “A estrada de Minha vida”, nos revelam fragmentos que também aconteceram na vida de cada um de nós.

Trilhei, na infância querida,
 Composta de mil primores,
 A estrada der minha vida,
 Ornamentada de flores.
 E que linda estrada aquela!
 Sempre havia ao lado dela
 Encanto, paz e beleza;
 Desde a terra ao grande espaço,
 Em tudo eu notava traço,
 Do pincel da natureza.

(ASSARÉ, 2011, p. 305).

As palavras na estrofe apresentada contemplam uma leitura da vida do cearense, mas também encaixa no mosaico da infância e caminhada de muitos. Os caminhos da vida não são só espinhos, as flores, por sua vez, mesmo que poucas, aparecem. As flores, metaforicamente, vistas enquanto poesia, constituem o tecido de nossas vidas.

É importante notar e apresentar aqui, uma forte ligação da perspectiva de Morin (2005), que ao falar do futuro do planeta, recorre a uma reflexão pautada na compreensão e no dever de cada um para melhorar e reinventar as relações humanas. Segundo o mesmo:

Ao mesmo tempo, devemos compreender que nos encontramos nesse pequeno planeta, nessa casa comum, perdidos no cosmos, e que a missão deve ser efetivamente a de civilizar as relações humanas sobre o nosso planeta (MORIN, 2005, p. 41).

Nessa perspectiva, é pensando humanamente, ou porque não, com o estado poético, que garantimos uma mudança profunda para estabelecer o

equilíbrio dessa geração, com suas ideologias e utopias. Patativa (2002, p. 179), expressa:

O melhor da nossa vida
É paz, amor e união
E em cada semelhante
A gente ver um irmão
E apresentar para todos
O papel de gratidão.

Quem faz em grande favor
Mesmo desinteressado
Por onde quer que ele ande
Leva um tesouro guardado
E um dia sem esperar será bem recompensado.

E assim vale acreditar nas palavras de Morin, quando atenta a uma educação humanizada, bem como, uma sociedade mais humana, que enxergue, assim como nas duas estrofes do poema de Patativa acima, um olhar para com a vida do outro, saber discernir e cuidar do planeta, saber lidar com as aventuras da vida e suas lacunas, acreditar em dias melhores, não deve ser apenas escritas entre os versos e estrofes, é preciso acreditar e praticar uma educação viva que também contribua na complexidade do pensamento de cada pessoa.

5 PARA NÃO CONCLUIR...

Há um ditado popular que ressalta: “os poetas são os porta-vozes de um mundo contextualizado de sentidos”. Podemos dizer que essa definição muito se identifica com o papel enunciativo do cearense Assaré, um porta-voz inesgotável de capacidade voltada para a sensível reflexão de seu contexto.

Não se pode usar o ponto final quando se escreve sobre Patativa. As reticências, essas sim, sabendo que sempre pode ser acrescentado outras e outras observações. Não se limita a um conteúdo único, suas reflexões, são como o canto do pássaro Assaré, somos encantados a ele.

Com o desenvolvimento deste trabalho, pode-se perceber que a poesia envolvida em todas as culturas, permite uma educação humanizada, crítica da sociedade contemporânea, permitindo a reflexão em torno da relação do homem a sacralidade, a busca de respostas às perguntas básicas da existência. O poeta brinca com as palavras e leva o leitor a reflexão. Parafraseado Sorrenti (2009), a poesia é a qualidade de tudo o que toca o espírito provocando emoção e prazer estético, contribui assim para uma leitura do mundo. Relembrando das palavras de Bachelard, “a poesia é um compromisso da alma”. Uma indolência, não gera dor, gera ausência de dor.

Ainda, é oportuno ressaltar que o fenômeno da cultura popular brasileira aqui apresentado, não foi porta voz de um povo, de uma região, ou representante apenas da poesia cabloca, e sim, homem humano, com capacidade sensível, referencia na literatura brasileira.

Para início e desenvolvimento deste trabalho, foi preciso muito mais do que ler e interpretar os poemas do poeta cearense. Deixar-se ser atraído pelas palavras, ter atenção para com os versos, sentir as estrofes, enxergar além da escrita, adentrar na literatura, deixar-se ser enamorado. O poeta espera isso, não escreve com intuito de ser meras palavras lançadas, mas como no balançar das ondas, o movimento de ida e volta, nos leva a perceber a inquietação no ato de perceber o balançar das palavras.

Este estudo não contou com palavras fantásticas, com contribuições vastas, com intuitos de alcançar plausíveis admirações dos leitores, porém levamos assim como as sensíveis poesias patativanas, as reflexões, comentários

sobre o sagrado, olhares sobre a educação, uma escrita com intuito de contribuir para o campo das Ciências das Religiões, referenciado observações de autores no tocante as considerações dessa área, mas com o elo envolvendo a literatura poética, em nosso caso a de Antônio Gonçalves da Silva.

Não se pode contar toda história de Patativa, no entanto, essas poucas linhas somam-se a outros trabalhos, que discutem a importância do autor para a formação mais humana, uma escrita que não se limitará na palavra exaurir, mas na palavra encanto. Pois, no exercício do encantamento sempre surgiu novas palavras, e com elas formamos muitos versos e estrofes, e com esse conjunto, forma poesias, e poesias são encantamentos de vidas.

REFERÊNCIAS

ABAUURRE, Maria Luiza. **Coleção Base** : português : volume único. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2000.

ALVES, Rubem. **O que é religião?**. 15ª edição. São Paulo, Edições Loyola, 2014.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Melhores poemas**. Seleção de Cláudio Portella. São Paulo: Global, 2006. (Coleção Melhores poemas / direção Edla van Steen).

_____. **Cordéis**. Patativa do Assaré. Fortaleza: EUFC, 2002.

_____. **Ispinho e Fulô**. São Paulo. Hedra, 2006. In: BRITO, Antonio Iranildo Alves de. **Patativa do Assaré**: porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra. São Paulo, 2010.

BACHERLARD, Gaston. **A poética do espaço**; [tradução Antonio de Pádua Danesi ; revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio.] – São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção Tópicos)

BAUMAN, Zygmunt. **Isto não é um diário**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma sociológica da religião. [organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcellos]. São Paulo: Paulus, 1985.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. Paulus, 1990.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1986.

BOSI, Alfredo. **O ser e tempo da poesia**. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.165.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

BRITO, Antonio Iranildo Alves de. **Patativa do Assaré**: porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra. São Paulo, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia**: Ensino Médio, volume único. São Paulo: ática, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COBRA, Cristiane Moreira. **Patativa do Assaré**: Relações entre Estética, Hermenêutica, Religião e Arte. Revista de Estudos da Religião. Nº 03, 2006. Disponível em: /rever/rv3_2006/p_cobra.pdf. Acesso em: 22/12/2015.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo : Martins Fontes, 1992. (Tópicos)

FERRETTI, Sergio. Religiões afro-brasileiras e pentecostalismo no fenômeno urbano. In: **O sagrado e o urbano** : diversidades, manifestações e análises. Paulo Agostinho Nogueira Baptista, Mauro Passos, Wellington Teodoro da Silva (organizadores). São Paulo : Paulinas, 2008. (Coleção estudos da ABHR).

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura para crianças e jovens**. São Paulo : Paulinas, 2010. (Coleção literatura & ensino)

MARINHO, Ana Cristina, PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Trabalhando com... na escola).

MEDEIROS, Vera Lúcia Cardoso. **Representações do sertão em Patativa do Assaré**. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewfile/182/120>>. Acesso em: Acesso em 08 de março de 2016.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. **Amor, poesia, sabedoria**. Tradução Edgar de Assis Carvalho. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2005. 72p. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/04/Amor-poesia-sabedoria.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2016.

MURRIE, Zuleika de Felice. **Língua Portuguesa** : Projeto Escola e Cidadania para Todos. 1ª Ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2004.

OLIVEIRA, Josineide Silveira de. **Da transcendência à imanência**: o ensino religioso no Rio Grande do Norte. Natal: Flecha do tempo Editorial: Offset Editora, 2013.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. [Traduzido por] Walter O. Scchlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PETRAGLIA, Izabel. **Pensamento complexo e educação**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013. – (Coleção contextos da ciência).

SILVIA, Wadna Audiane Salles da. **Religião e sociedade contemporânea**: uma análise da religião no mundo atual. Aparecida do Taboado: Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Lazer de Aparecida do Taboado – MS, 2007.

SOUZA, Louize Gabriela Silva. **Mia Couto**: para uma pedagogia da doce irá. Natal. EDUFRN, 2015.

SORRETI, Neusa. **A poesia vai à escola**: reflexões, comentários e dicas de atividades. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TORRES, Maria Augusta de Sousa. **Ensino Religioso e literatura** : um diálogo a partir do poema Morte e Vida Severina. Recife: FASA, 2012.